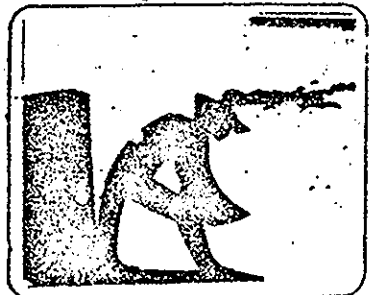


Garimpeiros e índios precisam de Surucucus para sobreviver

A disputa pela posse da terra e a busca de minérios na Amazônia não é uma questão recente. Nos últimos meses, em Roraima, mas precisamente em Surucucus, os conflitos tornaram-se maiores, envolvendo índios, garimpeiros e suas respectivas entidades representativas.

A CRÍTICA enviou para aquele Território o Repórter Célio Jr., que reportou a série que hoje faz um resumo dos acontecimentos mais significativos da área.

RORAIMA Zona de Tensão Resumo



Célio Júnior - Texto e Foto

GARIMPEIROS MARCAM OU NEGAM A INVASÃO?

Em consequência dos interesses voltados para Surucucus, o campo de batalha passou a ser nos meios de comunicação onde, por um lado, pessoas defendem a causa indígena e, por outro, defendem os garimpeiros e/ou a abertura daquela área para zonas de mineração, usando para tal, o fortalecimento da economia do Território de Roraima. O jornal "Folha de Boa Vista", na edição de 7 de junho/85, saiu com a seguinte manchete: "GARIMPEIROS MARCAM DATA PARA INVASÃO DE SURUCUCUS", e o jornal "O Roraima" deu destaque ao seguinte tema: "GARIMPEIROS NEGAM A INVASÃO DE SURUCUCUS" na edição de 9 de junho de 1985.

A nova invasão, prevista para o dia 12 de junho, não aconteceu mas, mesmo assim, os órgãos ligados à questão denunciada ficaram atentos, não prestaram informações. O clima era tenso e de muita expectativa. Existem suposições quanto a presença do garimpeiro trabalhando em área indígena Yanomami, mas precisamente nos garimpos de Apiáú, Baixo Mucujá e Ericó, este último a duas horas do garimpo de Santa Rosa.

O ex-governador de Roraima, Otomar de Souza Pinto e o empresário José Alino Machado, além de políticos roraimenses e amazônicos, foram responsabilizados pela operação militar que resultou na invasão da serra de Surucucus, onde se localiza a reserva da nação indígena Yanomami, situação de Nelson Marabuto relatado pelo Jornal do Comércio, em 16 de fevereiro/85.

"Não é apenas um ato de banditismo, mas uma operação planejada por profissionais com o uso de uniformes militares, com armamento pesado e que tem apoio político-empresarial, evidenciando vínculos de políticos influentes de Manaus e de Boa Vista". Além dessas declarações, Nelson Marabuto observou que a operação militar, feita por profissionais não preocupa somente a Funai mas, também, aos organismos de segurança como o Conselho de Segurança Nacional e as Forças Armadas. Ele revelou que sabe os nomes dos políticos envolvidos com a invasão da serra de Surucucus, acrescentando que os envolvidos estão na área do Poder Executivo, mas que, por motivos óbvios naquela época, procuraram ocultar.

Marabuto é um caseleiro, joga para a torcida e não tem coragem de contar o que realmente aconteceu. A política é de Brasília. A Funai construiu uma maloca para dizer que havia Yanomami, mas o que vi foram 60 homens famintos. José Alino - Jornal do Comércio - 12/03/85.

Além das declarações acima citadas, José Alino Machado observa que, no final de 1984, o presidente Figueiredo, pressionado por grandes empresários e ministros, assinava em um hospital paulista, o decreto permitindo a garimpagem em áreas indígenas e, dois dias depois, pela intervenção do presidente da Funai, que justificou o ato como sendo um equívoco, assinava um outro documento, tornando nulo o decreto.

Para o líder dos garimpeiros, esses equívocos faziam parte da preparação de um artifício para entregar o garimpo de Surucucus a três empresas de mineração, uma das quais, com forte participação estrangeira. Alino negou revelar os nomes das empresas, mas citou a CMP - Companhia de Mineração e Participação, como uma das que seriam beneficiadas com o decreto. Segundo Alino, existia também um acordo entre esta empresa e o Governo de Roraima. "Um dos sócios desta firma é Antonio Dias Leite, filho do ex-ministro Dias Leite, e que tem fortes ligações com o ex-ministro Mário Andrezza, do Interior".

No mesmo dia em que aconteceu a Invasão, Heloisa Alino, esposa do líder, informou ao general Ademir Machado - Comandante Militar da Amazônia - sobre os detalhes da operação Surucucus. Ela informou que a Aeronáutica também tinha conhecimento do fato. José Alino se diz amigo do ministro da Justiça, e que Aureliano Chaves é seu compadre. (A Crítica - 12/03/85).

CONFLITOS PELO OURO E PELA TERRA

No mês de maio, tanto a imprensa amazônica quanto a roraimense veiculou o fato de que índios e fazendeiros estavam em conflitos na região do Uiramutã, fronteira com a ex-Guayana Inglesa. Notícias procedentes de Boa Vista, através de télex, informavam que o conflito era armado, envolvendo, inclusive, o nome de um padre. A partir dessas denúncias, novamente a guerra de informações, no campo de batalha da imprensa, veio à tona, mostrando, de um lado, os índios que se consideram donos legítimos daquele local e, por outro, fazendeiros defendendo suas propriedades.



Nada ficou esclarecido. Os índios cercaram um "boqueirão", isolando-o. Os fazendeiros reivindicaram o local. Houve acusação de que índios e fazendeiros estavam armados, mas nada pôde ser esclarecido. Surgiu também uma casa queimada, com mútua acusação. Quanto ao padre Jorge, suspeito de induzir os índios à rebelião, segundo declarações de José Alino, sumiu sem deixar vestígios, logo que as apurações começaram a ser feitas e, por outro lado, a igreja afirma que o padre, na época do conflito, se encontrava em São Paulo, fazendo um curso. A questão que envolve garimpeiros vem tendo repercussão em toda a imprensa nacional. No dia 28 de junho deste ano, o Jornal do Brasil veiculou que em Cuiabá, oito pessoas morreram e mais de 30 ficaram feridas num choque entre garimpeiros armados e policiais militares na localidade de Nova Apicás, município de Alta Floresta, cujo prefeito, Edson Santos, atribuiu o incidente à tentativa da Polícia Militar de expulsar os garimpeiros da área por ordem da Mineradora Porto Estrela, sem mandado judicial.

A ÓTICA MINERAL

José Alino não considera que Surucucus seja a maior mina de cassiterita existente no mundo, como muitos pensam, mas, o que ela tem de positivo, é a sua concentração mineral por metro quadrado, além de sua fácil exploração. O líder dos garimpeiros diz que Surucucus não envolve apenas a cassiterita pois, na composição da serra do Parima existe ouro, diamante, entre outros minérios nobres. Ele comenta também sobre a possibilidade da existência de uma mina de carvão. Todos esses minérios ali existentes, observa Alino, fazem com que a região de Surucucus seja atrativa, não só para os garimpeiros, mas para qualquer grupo empresarial, que passam a sonhar com aquela ponta de serra, principalmente os grupos estrangeiros. "O valor existente naquele subsolo é incalculável e, no seu conjunto, Surucucus pode atingir cerca de um bilhão de dólares".

Alino não sabe se existe uma forma legal ou ilegal para a exploração daquela mina, mas defende uma abertura organizada. Ele explica que a área está reservada a ser, futuramente, da Funai, o que, de acordo com as afirmações do empresário mineiro, se comprova através de uma portaria datada de 8 de janeiro deste ano, assinada pelo superintendente do órgão, e não pelo presidente, como seria a forma legal - estabelecendo como reserva indígena toda a serra de Surucucus, além de outras áreas de grande potencial mineral em Roraima.

"Esta portaria só saiu depois da ocupação de fevereiro, embora tenha saído com data anterior a ocorrência". "Quem pretende não tem - existe um projeto para se criar e tem uma pretensão da própria Funai, de criar o parque Yanomami, mas nisso, deve-se observar a Funai, como fundação privada, primeiro pretende a área, faz o projeto, faz a demarcação e apresenta para o "grupo", que é constituído de diversas pessoas e diversos ministros. A partir daí, o grupo aprova o que ele pretende, submete ao Presidente da República, que decreta a área". José Alino - A Crítica, 25/06/85.

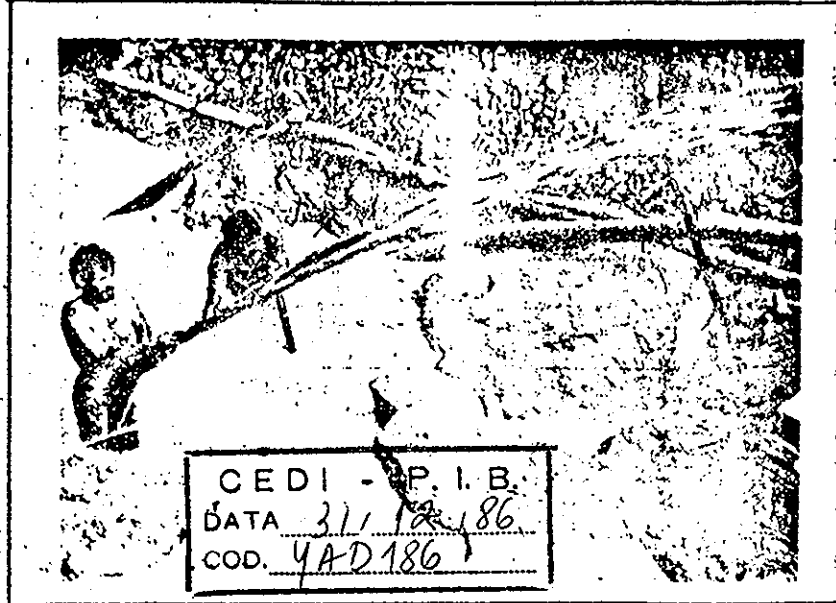
A ÓTICA LEGAL

Romildo Carvalho e Gerardo da Fonseca, da Procuradoria Jurídica da Funai, comentaram que existe um grande equívoco quando a liderança dos garimpeiros fala que a terra Yanomami é apenas terra pretendida. Eles consideram a situação de Surucucus normal, mas não se trata de terra pretendida, pois aquelas terras sempre foram de posse memorial, independente de demarcação ou de qualquer outro ato. "Basta que se constate e que se obtenha através de elementos, estudos, pesquisas e observações locais, que a área sempre foi habitada pelos silvícolas, o que torna suficiente para que a terra seja considerada de posse memorial".

Os Yanomami sempre habitaram aquela região, observam. Sendo assim, não se trata de área pretendida pelos índios mas, talvez, por terceiros, não índios. Raimundo Nonato, delegado da Funai-RR, observa que a própria Constituição confirma que a área pertence aos Yanomami, independente de demarcação e, já que eles ocupam aquela região há muito tempo, a terra é considerada área indígena. Gerardo da Fonseca falou que a Procuradoria tem o interesse de fazer cumprir a Constituição e, portanto, a Lei 6.001 - Estatuto do Índio e o Artigo 198 da Constituição Federal.

A ÓTICA INDÍGENA

"O funcionamento da sociedade Yanomami implica na plena utilização do espaço pretendido. Embora não exista entre o Yanomami o conceito de propriedade da terra, do modo como esta é conhecida no mundo Ocidental, o consenso geral é de que cada aldeia tem direito a explorar os recursos de um dado território, no qual os seus habitantes praticam a agricultura, a caça, a pesca e a coleta". - Extraído da série - A Nação Yanomami - Jornal A Folha de Boa Vista, 08/03/85.



CEDI - P. I. B. DATA 31/12/86 COD. 4AD186

Carlos Wagner Guimarães, ouro ali, só mesmo para cantina e que a salvação dos garimpeiros e até mesmo do Território, seria a abertura de Surucucus. Cerca de 400 garimpeiros trabalham hoje naquele garimpo e todos reclamam da falta de assistência em todos os sentidos. Se alguém adoece, o tratamento se torna difícil pois, apesar da febre, a demora é muito grande e a pista, não oferecendo condições, faz com que muitos pilotos se neguem a pousar em Santa Rosa. Para o garimpeiro Matheus, sua vida em Santa Rosa significa desespero. Ele está no "batente" há três meses e não conseguiu nada, nem uma grama de ouro. Os garimpeiros independentes, geralmente não produzem muito, tendo em vista o predomínio de grandes proprietários de máquinas para a extração do ouro. Matheus, o máximo que conseguiu pegar em três meses de garimpo, foi uma malária que quase lhe custa a vida, deixando-o muito fraco e sem condições para trabalhar. "O garimpeiro é patrão empregado ao mesmo tempo, pois vive do que produz". O garimpeiro José acha aquele garimpo muito fraco, principalmente no período das chuvas, quando ele comenta que não dá nem para comer, a não ser quando, de tempo em tempo, aparece um índio vendendo alguma caça ou peixe. Com três anos em Santa Rosa, José ouve, freqüentemente, outros garimpeiros que falam da existência de um larto garimpo, há duas horas a pé de Santa Rosa. "Acho que o nome é Ericó, não tenho certeza", comentou o garimpeiro.

Uma Invasão em Surucucus ameaça de extinção a última grande nação indígena relativamente isolada. Excerto do dossiê da Comissão pela Criação do Parque Yanomami.

Segundo documento da CCPY, é constatada a presença de poderosos grupos econômicos e políticos organizados e dispostos a alcançarem pela violência, suas ambições. Outro fato que a organização pró-Yanomami explica é que, com uma invasão naquele parque, demonstra-se a existência de um plano organizado para explorar Surucucus nos próximos dois anos. "Se não bastasse a integridade física, cultural e social do Yanomami, que constitui interesse a ser resguardado e, por si só, supera qualquer exploração industrial, as circunstâncias para a comercialização da cassiterita daquela região esvaziaram os resultados econômicos por dois fatores preponderantes: a) - O País possui outras áreas produtoras e em desenvolvimento no sul da Amazônia e na região Centro-Oeste. Estas regiões, prossegue a CCPY, têm a capacidade de atendimento suficiente e a longo prazo, das necessidades internas de cassiterita, inclusive gerando excedentes exportáveis. O item "b" do dossiê destaca as condições de acesso àquela região, possível apenas por via aérea, encarecendo demais os custos de pesquisa, extração e comercialização do minério, colocando a produção em desvantagem de concorrência com a produção das outras partes em atividades ou em vias de ativação - Portaria externa - 116/80, de 28 de fevereiro de 1980 - da Companhia Vale do Rio Doce no Diretor do Departamento Nacional de Produção Mineral - DNP/RR.

A ÓTICA DOS GARIMPEIROS

A busca constante da riqueza e da vida fácil, faz com que o garimpeiro abandone tudo o que tem e se lance à uma corrida desenfreada com destino aos garimpos. A fome, a chuva, o sol, a malária e a sub-alimentação passam a ser os principais componentes de sua vida. A questão do garimpo é complexa e tem, de um lado, as regiões de grande potencial mineral, localizadas em áreas indígenas e os seus milenares habitantes; por outro lado, existe o garimpeiro. O palco está armado em Roraima. Os garimpos no Território são, na quase totalidade, de difícil acesso. A reportagem de A Crítica esteve presente a um desses garimpos, o de Santa Rosa, que tem acesso a partir de Boa Vista e que pode ser realizado por rodovia até a ilha de Maracá (estação ecológica), e de lá, através de via fluvial, durante aproximadamente cinco dias, com barco a motor de popa, em trecho bastante encaixado, contribuindo para diversos acidentes com vítimas.

O meio mais utilizado é o aéreo - aproximadamente 45 minutos da cidade de Boa Vista, em avião monomotor. Em Santa Rosa, existe uma pista de pouso com 300 metros de comprimento e em estado precário, tendo servido inclusive, de pátio para inúmeros acidentes. A pista, ou tobogã, além de ser totalmente escorregadia, possui um enorme atoleiro localizado na sua metade, faz com que os aviões rodopiem e, no decolagem, o piloto, utilize apenas 150 metros, o que pode fazer com que o avião se choque contra as imensas árvores que circundam a pista. Fora os problemas de acesso, os garimpeiros enfrentam a baixa produtividade de Santa Rosa que, segundo

Célio Macedo, vice-presidente da Associação Comercial de Roraima, falou que as reservas minerais devem ser racionais e adequadamente exploradas, pois, segundo ele, o povo roraimense não pode continuar deitado em berço esplêndido, enquanto que, naquele Território, está depositado em seu subsolo, uma fortuna incalculável. O presidente do DNP/RR, Salomão Cruz, comenta que a realidade da

mineração em Roraima é caracterizada pela exploração garimpeira em áreas tradicionais. Ela é dada pelo isolamento geográfico que impede o acesso de mineradoras. Salomão explica que cerca de 50% do Território é reserva indígena, onde estão situadas todas as ocorrências minerais.

Torres de Melo, diretor da Companhia de Desenvolvimento de Roraima - Codenama - observou que a mineração naquele Território não val nada bem, pois existe um conflito permanente entre o interesse da mineração e os interesses defendidos pela Funai e as chamadas entidades de apoio à causa indígena. "Esses interesses são conciliáveis".

Ardio Martins de Magalhães, ex-governador de Roraima, falou que a preservação das leis do Território e seu acatamento, persistirá até que as autoridades permitam que a riqueza seja explorada, admitindo que as leis possam ser contestadas mas, enquanto persistirem, o Poder Executivo não permitirá que elas sejam violadas. O presidente da Associação dos Fazendeiros e Garimpeiros de Roraima, Rubens da Silva Lima Filho, disse que, o que se quer é a abertura de todos os garimpos e que, Surucucus está em primeiro plano por estar em evidência. "Hoje, o garimpo é o único local onde um analfabeto, trabalhando pelos seus próprios meios, pode chegar a riqueza". Rubens é enfático quando afirma que há centenas de interesses, não sabendo até que ponto se está enfrentando uma articulação de um grupo multinacional.

CARTA AO MINISTRO

Segue, na íntegra, uma carta enviada ao ministro do Interior, Roraima - Cuiabá, assinada por José Alino Machado - piloto de garimpo. "Sr. Ministro. Vamos chamar o constrangimento de escrever ao Sr. de no mínimo "grande ousadia". Ousadia porque mesmo tendo procurado estar por diversas vezes com o Sr. que sempre demonstrou estar "ciente" dos acontecimentos da Amazônia, tem procurado não receber, ou admitir a apresentação do problema de forma diferente daqueles com que preferiu escudar-se, para assim permanecer indiferente às soluções vitais; e que da maneira em que estão, se postas seriam no mínimo "antipáticas".

Prossiguo, Alino explica que "este é o grande e real problema de nossa vida na Amazônia - ela é importante decantada com orgulho por todos os brasileiros - nós não - somos pequena parte do contexto. A opinião pública na República que se formou, à parte no Sul, é quem dita as normas, leis e situações para nós, sem o menor respeito por nossa existência, ou consulta - e o que é grave, toda ela sempre dirigida, controlada dentro dos interesses de cada grupo ou facção social". O piloto indaga ao Ministro: "como pode satisfazer-se o amazônida que luta, conhece seus problemas, suas causas, e a orientação legal, porém, normalmente de uma scarsa intencionalmente estranha ao meio e ainda por cima, influenciada de perto por uma comunidade aleatória, pois que toda opinião pública é completamente diversa".

"Eu presencié seu discurso à posse do governador do Território. Veja Ministro - A responsabilidade de sua palavra e os comprometimentos que possui, se maus, prejudicam e interferem na vida de milhares de pessoas, que nada fizeram, para sequer o cargo fosse ocupado ou não, por sua pessoa. A Amazônia é ocupada Sr. Ministro, nem tanto quantos caberiam, mas aqui tem gente. A nossa história é bem diferente da tão propagada e interressante estória. Os cargos jamais podem ser maiores que os homens que os ocupam. A debilidade ou violenta reação de um povo é a consequência imediata no governo fraco e que ignora". Finalizou, assinando.

Com esse bombardeio de informações, o que se consegue tirar de concreto do caso Surucucus, é uma manipulação externa, que ninguém consegue detectar a sua fonte de origem. Ela, hoje, faz com que as classes economicamente menores, lancem-se umas contra as outras, gerando conflitos internos que não levam a nada, a não ser a implosão sustentada pela autoflagelação, onde os interesses comuns são descartados, cedendo lugar à dúvida e a lutas, cedendo a coisitas ficar nesse nível, certeza. Enquanto a coisa ficar nesse nível, o garimpeiro continuará na miséria, o índio sujeito à extinção e a economia do Território estrangulada e dependente.

CHOQUE DE OPINIÕES

Dom Aldo Mongiano, Bispo de Roraima, afirmou que ocupar as terras dos Yanomami, mesmo que seja feito ordenadamente, seria cometer um atentado e uma violência contra a vida, a saúde e a cultura daquele povo. "Não se pode pensar em ocupar a área Yanomami, mesmo usando precauções e delimitando áreas, mesmo entregando o trabalho às mineradoras". Célio Macedo, vice-presidente da Associação Comercial de Roraima, falou que as reservas minerais devem ser racionais e adequadamente exploradas, pois, segundo ele, o povo roraimense não pode continuar deitado em berço esplêndido, enquanto que, naquele Território, está depositado em seu subsolo, uma fortuna incalculável. O presidente do DNP/RR, Salomão Cruz, comenta que a realidade da

